



A HISTÓRIA SE REPETE

No dia 15 de novembro de 1886 inaugurava-se o Clube Literário com sede na rua Major Facundo, nº 56. Uma semana antes, reuniram-se dezessete literatos acertando os passos iniciais da novel associação cultural cuja atividade se prolongaria por oito anos. Em seu periódico *A Quinzena*, de circulação pouco duradoura, colaboraram jornalistas, poetas, contistas que mais tarde honrariam as letras do Ceará.

Inicialmente eleito o poeta da Abolição Antônio Bezerra para presidente do Clube Literário, oito meses depois nova eleição se realizava cabendo dessa vez a Juvenal Galeno a chefia dessa sociedade aparecendo o jovem Antônio Sales, então com apenas dezenove anos de idade, como seu segundo secretário.

Aqui o testemunho do nosso poeta: *“À ilharga da redação de O Libertador fundara João Lopes o Clube Literário com Serpa, Farias Brito, Oliveira Paiva, José Carlos Júnior, Antônio Martins, Antônio Bezerra, Martinho Rodrigues e José Olímpio, tendo como órgão A Quinzena”*.

Pois bem. O maior desejo de Antônio Sales era o de participar das reuniões daquele grupo mas, humilde caixeiro, desconhecido das rodas literárias, tinha medo. Um dia rabiscou um soneto, enfiou-o assustado por baixo da porta da redação do *Libertador*, firmado com o pseudônimo A. Lessal. Dias depois, o soneto saíra publicado o que lhe deu coragem de se incorporar, definitivamente, à redação daquela revista quinzenal.

O mesmo fato aconteceria, dezesseis anos depois, em 1902, com apenas uma diferença: outro seria o personagem central da história.

Expliquemos. Antônio Sales dominava, com a sua inteligência, cultura e verve, a redação do *Correio da Manhã* ocasião em que um rapazote ambicionava por ver um seu soneto impresso naquele matutino. Mas deixemos a palavra com Manuel Bandeira: *“A minha maior ambição naquele tempo era ver um soneto meu na primeira página do Correio da Manhã. Manipulei laboriosamente um soneto em alexandrinos, tremendamente sensual, e mandei-o ao Antônio Sales, que era redator influente no Jornal. Todos os dias comprava o Correio com o coração palpitante de emoção. Quinze dias se passaram e nada*

de soneto. Murchei e deixei de comprar o jornal. Um belo dia lá estava o soneto, na primeira página, com a cercadura art nouveau. Antônio Sales nunca soube que deu essa esplêndida alegria a um rapazola de dezesseis anos”.

talvez ao divulgar o soneto do futuro autor de A Cinza das Horas, estivesse dando Antônio Sales um crédito de confiança, sem o saber, àquele que marcaria, durante seus oitenta e dois anos de existência, sólida presença na literatura brasileira.

mori
zade

drado
pons
Rio
ciativ
desto

Sales
Corre
crôni
golid

ca, 1
cializ
recun
Presi
ciona
traba
ficou
do o
de sa
reton
o Co

do u
tand
no h
se in
cas.